

Cintura Fina:

da correnteza ao remanso



Márcio Ferreira de Souza

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Autor, entre outros livros, de *Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. marciousofouza@ufu.br

Cintura Fina: da correnteza ao remanso

Cintura Fina: from whitewater to backwater

Márcio Ferreira de Souza

MORANDO, Luís. *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020, 340 p.



José Arimateia Carvalho da Silva, que futuramente viria a ser conhecida como Cintura Fina, nasceu em Fortaleza em 1933. Décadas de sua trajetória, entre o período em que já estava vivendo em Belo Horizonte (1953) até o ano de sua morte (1995), em Uberaba, emergem como recorte temporal do livro *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Seu autor, Luiz Morando, doutor em Literatura Comparada pela UFMG, leva adiante um percurso de pesquisa, iniciado em 2002, sobre a memória LGBTQI+ em Belo Horizonte. Em *Paraíso das maravilhas: uma história do crime do parque*¹, dedicou-se à pesquisa sobre o assassinato de um homossexual, ocorrido em 1946, na capital mineira, no Parque Municipal Américo René Gianetti, denominado à época, por seus frequentadores homossexuais, “Paraíso das maravilhas”. Os desdobramentos desse episódio foram investigados por Morando de maneira que, para além de uma mera narrativa sobre um crime de “natureza homoerótica”, resultou em um estudo mais amplo e profundo sobre “uma possível compreensão de formas de sociabilidade e de representação social homoerótica em Belo Horizonte nas décadas de 40 e 50 do século XX”.²

Em *Enverga, mas não quebra* nos deparamos com elementos de ordem estrutural e metodológica similares à obra anterior do autor. Dentre eles, a própria narrativa que procura se aprofundar nos aspectos de ordem histórica e sociológica, transcendendo o que seriam propriamente os “temas” específicos abordados: um crime que ganhou projeção pública, no primeiro caso, ou uma “biografia” de uma personagem real e simbólica, no segundo caso. Ambos os trabalhos revelam um tempo e um espaço de construção das sociabilidades, considerando o “universo homoerótico” e suas implicações na capital mineira entre as décadas de 1940 a 1980.

Enverga, mas não quebra enfrenta desafios comuns a pesquisas que ambicionam examinar personagens de alto grau de complexidade, que são alçadas a um estatuto quase mitológico. Este é o caso da Cintura Fina. A alcunha, diga-se de passagem, remonta ao baião homônimo de Zé Dantas e Luiz Gon-

¹ MORANDO, Luiz. *Paraíso das maravilhas: uma história do crime do parque*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

² *Idem, ibidem*, p. 15.

zaga, gravado em 1950, cujo refrão “Vem cá, cintura fina, cintura de pilão/cintura de menina, vem cá meu coração” permite uma associação com os dotes físicos da personagem: “negra, magra, quadril acinturado, 1,74 de altura, olhos e cabelos castanhos” (p. 25). Trata-se de uma personagem fadada à marginalização, no âmbito de uma sociedade altamente estratificada, hierarquizante e discriminadora, por suas próprias características intrínsecas: negra, travesti, de origem nordestina, de classe baixa. Fatalmente, o espaço da invisibilidade e/ou da clandestinidade e do submundo é o que lhe cabe. Por si só, tais fatores impõem dificuldades de dados para pesquisa, como é revelado ao longo do livro.

Considerando esse desafio, é importante reconhecer que a demarcação geográfica por onde Cintura Fina circulava e atuava em Belo Horizonte é rememorada com necessária atenção por Morando, além de ser apresentada pelo projeto gráfico da edição, com ilustrações dos mapas destacando as ruas e avenidas descritas. Por outro lado, essas ruas e avenidas da capital não aparecem como meros acessórios narrativos ou gráficos, mas se transmutam, também, em “personagens” e possuem um significado relevante para uma compreensão mais adequada sobre a biografada e seus coadjuvantes.

Um segundo desafio é decorrente do primeiro. Apesar das dificuldades de acesso a dados mais concretos e/ou fidedignos sobre Cintura Fina, estes foram buscados e encontrados em arquivos, como as matérias, nem sempre assinadas ou confiáveis, divulgadas pela imprensa na época e, igualmente, nos registros dos processos criminais: 18 processos são citados e analisados ao longo do livro, todos eles listados no Anexo 1 que o acompanha. A partir do movimento inicial de captura de informações, Morando envereda pelo que identifica como uma “dimensão labiríntica” e, nesse processo, complementa seus dados com a utilização de outras referências discursivas obtidas junto a “pessoas comuns” que conheceram e/ou conviveram com Cintura Fina. Essas pessoas, segundo Morando, conferiram um tom mais humano à personagem, descrevendo-a, entre outros termos, como “famoso pelas brigas e temido pela destreza”, “excelente alfaiate”, “boêmio”, “extremamente gentil”, “desbancava qualquer homem durão”, “protegia as garotas de programa”, “boa gente”, “tímido”, “muito caridoso” (p. 22).

Resulta, porém, da condição de marginalização o fato de que as narrativas jornalísticas e policiais corroboraram a mitologia criada em torno de Cintura Fina. Enquanto viva, a personagem foi perfilada por tais meios, por uma série de adjetivos e cognomes. Na imprensa veicularam-se múltiplos adjetivos, alguns dos quais transcrevo aleatoriamente: “taradinho”, “tipo glostorado”, “homossexual”, “uzeiro e vezeiro no uso da navalha”, “portador de anomalias”, “malandro”, “valente”, “Marilyn Monroe dos detentos”, “malandro incorrigível”, “refinado malandro” (p. 21). Nos processos criminais investigados pelo autor, o mito Cintura Fina foi reforçado por uma multiplicidade de cognomes depreciativos, repetindo alguns dos qualificativos que constavam das matérias jornalísticas e adicionando outros novos: “afeminado”, “invertido sexual”, “pederasta”, “pederasta passiva”, “anormal”, “ladrão”, “elemento desordeiro e brigador”, “vadio inveterado”, “autêntico profissional do crime”. Desse modo, como realça Morando, estamos diante de “um processo contínuo de reposicionamento da imagem de marginal no qual a imprensa teve papel fundamental” (p. 21).

Por outro lado, mesmo após sua morte, Cintura Fina continuaria fadada a uma construção mitológica, conforme projeções no universo ficcional. O livro *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond³, figurou nas listas dos mais vendidos entre as obras de ficção, ao longo do ano de seu lançamento. Entre a ficção, apoiada por algumas “referências reais” buscadas por Drummond, essa obra projetou uma imagem de Cintura Fina, amiga dedicada de Hilda, a prostituta protagonista da trama. O romance foi adaptado para a minissérie homônima, exibida em 1998 pela Rede Globo, e consolidou, ainda mais, o mito, devido ao alcance massivo da televisão e à criação de uma imagem “definida” de Cintura Fina, interpretada por Matheus Nachtergaele. Em que pese a excelente atuação do ator, cabe lembrar a ressalva de Morando acerca do biótipo de uma Cintura Fina que a TV difundiu. A edição de *Enverga, mas não quebra* reproduz fotografias de Cintura Fina em distintas fases de sua vida, revelando uma imagem distinta daquela personagem de pele branca projetada pela minissérie. Estes são apenas alguns exemplos ilustrativos de um dos pontos de partida de Morando em seu trabalho de pesquisa: a desmistificação da personagem. A construção mítica que foi estabelecida sobre Cintura Fina, é, no entanto, bem anterior à minissérie. Essa questão é insistentemente esquadrinhada por Morando. Envolve uma construção, que foi forjada pelas páginas dos jornais belo-horizontinos e pelos autos de processos criminais investigados, encontrou reforços no campo da ficção.

Sendo assim, coube ao autor o que suponho ter sido o seu maior desafio na elaboração do livro. Desafio este de ordem analítico-interpretativa: a desconstrução de uma imagem quase unívoca e consolidada de Cintura Fina, em função dos estereótipos e preconceitos de gênero, de raça e de classe. Morando, ao propor tal desconstrução, não cai na tentação de partir para outro extremo: o de transformar seu estudo em uma espécie de hagiografia, pois Cintura Fina, tampouco, é pintada como uma imagem santificada. A sensibilidade do autor, aliada à sua honestidade, como pesquisador, traça o retrato possível de uma personagem múltipla e real, nem boa, nem má. Jogou-se na vida, viveu como pôde. Trata-se de uma busca por sua humanização.

Outro aspecto positivo a ser constatado diz respeito ao fato de que Morando também não sucumbe à tentação de fazer afirmações muito categóricas. O resultado oscila de maneira ambígua, por algumas razões que argumentarei. Não me refiro, aqui, à ambiguidade num sentido pejorativo, negativo. Pelo contrário, para entender a personagem, ainda mais a partir de recorrências a fontes que, por suas próprias construções, já permitem entrever limites e despertam desconfiças ao pesquisador, é necessário exercitar a imaginação e estabelecer hipóteses plausíveis para não se curvar diante dessas fontes sem questionamentos. Morando trabalha com o que lhe foi possível e, cercado por tais limites, realiza uma pesquisa altamente respeitável. O autor opta por suposições, em diversos momentos do texto, em lugar de afirmações. Evidentemente que isso não invalida seu processo de pesquisa e muito menos suas análises e interpretações. Antes, penso que é o que poderá gerar mais confiança nos leitores e nas leitoras. Uma personagem como Cintura Fina não admite leituras definitivas.

³ DRUMMOND, Roberto. *Hilda Furacão*. São Paulo: Siciliano, 1991.

Morando esclarece não ter a pretensão de escrever uma biografia nos padrões convencionais deste gênero literário. De fato, embora seja um estudo inserido nos moldes biográficos, porque segue o percurso de vida de uma personagem, o tom principal da obra está marcado pelos relatos de uma história particular de vida em conexão com um tempo histórico, ganhando, por essa via, uma dimensão sociológica à medida que destaca o conflito entre uma figura *sui generis* com uma sociedade fortemente controladora. Exceto por Uberaba, as passagens de Cintura Fina por outras cidades brasileiras, como Santos, São Paulo, Rio de Janeiro ou Vitória, ou mesmo a fase de sua infância e adolescência em Fortaleza, Recife e Salvador, não são aprofundadas em razão de insuficiência de dados. Além do mais, Belo Horizonte é recorte geográfico da pesquisa. Sumariamente, Morando cita os movimentos de rota de Cintura Fina para outras cidades, causados por motivações que não são claramente explicitadas pelas fontes consultadas. Foram momentos de fugas motivados por conflitos em Belo Horizonte; podem ter sido pela procura de trabalho, como revela matéria de jornal ao citar, sem mais detalhes, sua atividade como cozinheiro em restaurante no Rio de Janeiro; há uma passagem pelo Presídio da Ilha Grande, onde aprendeu ofício da costura e “construiu laços afetivos e “maritais” com Antônio Cerqueira de Andrade, o Tininho” (p. 194), um presidiário. A passagem de Cintura Fina por Uberaba, na década de 1980, é abordada com um pouco mais de detalhe na quarta e última parte do livro, num exercício de reconstituição do emaranhado de informações com as quais o autor teve que lidar.

A propósito, o emaranhado de informações perpassa todas as partes do livro e, nesse sentido, sobressai o acerto pela opção por uma narrativa ordenada cronologicamente, de forma sistemática e bem organizada. Os leitores e as leitoras encontrarão nesta obra – à moda de *Paraíso das maravilhas* –, a possibilidade de compreender, com mais clareza, os cenários de transformações sociais de uma cidade e os processos de reconfiguração de uma personagem.

Entre a “correnteza”, enunciadora da introdução ao “remanso”, final dedicado aos anos 1990, a estrutura do livro é composta por quatro partes, cada qual abarcando uma década específica em ordenação crescente. Os títulos, de cada uma delas, evocam metaforicamente movimentos giratórios. A primeira parte é intitulada “Redemoinho”. Refere-se aos anos 1950 e está subdividida em três giros: a primeira ocorrência, registrada nos autos processuais pesquisados, contra Cintura Fina e sua amiga Rosa Caetana de Almeida devido a uma contenda na Leiteria São Paulo, em 1953 (ambos são absolvidos em 1954), passando por outras ao longo da década, entre algumas condenações a prisões por períodos curtos, e culmina com a passagem de Cintura Fina pelo Presídio de Ilha Grande, em 1958. Somam-se, durante a década de 1950, sete processos. A segunda parte, “Vórtice”, voltada para os anos 1960, é subdividida em dois giros e quatro processos contra Cintura Fina. A terceira parte, “Torvelinho”, é dedicada à década de 1970. Subdivide-se em dois giros marcados, por sua vez, por três processos. A quarta parte, “Redemoinho”, aborda os anos 1980 e é composta por um giro. Aludi, no parágrafo anterior, à passagem de Cintura Fina por Uberaba, momento de sua biografia sobre o qual esta última parte do livro se concentra. Em sua fase madura, vivendo em Uberaba, entre imbróglis com os quais se envolve, constam mais quatro registros de processos contra Cintura Fina, todos abertos no município. Com base em tais

autos processuais, novos elementos de sua biografia são registrados, porém muitos deles devidamente contestados por Morando.

Ao final de cada uma das quatro partes de *Enverga, mas não quebra* há um “rebate de ondas”. Essa estratégia é utilizada pelo autor para lidar com as intensidades dos movimentos e giros provocados pelos discursos oficiais; ele se vale, aí, de transcrições de comentários extraídos de postagens, em uma rede social, de imagens de Cintura Fina em grupos públicos de fotos antigas de Belo Horizonte. Nas palavras de Morando, “a intenção é estabelecer um diálogo em contraponto aos discursos policiais e judiciais, além de apontar para a complexidade de sua personalidade [de Cintura Fina], mesmo levando em conta a natureza informal e despojada do veículo no qual os relatos foram colhidos” (p. 128). Ainda que tais registros possam conter muito equívocos (assim como os registros oficiais), eles são interessantes porque contribuem para resgatar um lado humanizado da biografada, por intermédio de narrativas de pessoas que a conheceram.

O curto movimento final do livro expõe a escassez de informações sobre a personagem na última década de vida, nos anos 1990. Em Uberaba, trabalhou como gari até 1992, quando obteve o benefício da aposentadoria por invalidez. Foi nessa cidade que veio a falecer aos 61 anos, em 18 de fevereiro de 1995. Sua certidão de óbito registra quatro causas da morte: broncopneumonia hemorrágica; síndrome da imunodeficiência adquirida, gastroenterocolite ulcerativa e fibrose hepática alcoólica. Nela sua cor é identificada como “branca”.

Morando se reporta, na introdução do livro, à sua tentativa de “dar um pouco mais de precisão, de resolução à imagem de uma personagem embaçada pelo tempo, pela memória e pelo desencontro de informações” (p. 22). Nos momentos em que Cintura Fina falou de si própria, nas poucas entrevistas concedidas a jornais e em depoimentos que figuram nos autos dos processos, apreendemos com mais clareza sobre sua autoidentificação feminina e sobre o seu desejo de reconhecimento. *Enverga, mas não quebra* tanto cumpre seu papel em desmistificar e em humanizar Cintura Fina, como também aguça a curiosidade do leitor e da leitora em saber mais sobre ela. Logo se vê que o autor, de modo competente, concretizou suas intenções.

Resenha recebida em 31 de março de 2021. Aprovada em 13 de maio de 2021.